

Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida à Redacção do CABRIÃO—no escriptorio da rua da Imperatriz n.º 20, onde assigna-se e vende-se este jornal aos Domingos, Segundas e Quintas-feiras.

N.º 6
Publica-se
aos Domingos

PARA A CAPITAL
Trimestre . . . 5\$000
Semestre . . . 8\$000
Anno . . . 13\$000

PARA A PROVINCIA
Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000
Anno . . . 14\$000

Avulso 500 rs.—Pagamento adiantado.



Eu e minhas companheiras, ficando desarranjadas com a retirada dos nossos estudantes, viemos pedir ao Sr. *Cabrião*, que dissraam-nos ser muito boa pessoa, o favor de nos indicar algumas cozinhas decentes, onde possamos mostrar nossas habilidades, com a condição de fazermos as compras.

Cabrião:—Tá, tá, tá. Não me amolem, senhoras coziuheiras. Querem cozinha decente, vão ao Seminario.

CABRIÃO

S. PAULO, 4 DE NOVEMBRO DE 1866.

O *Cabrião*, como se vê da sua caricatura, é um janota distincto, e por isso digno de apresentar-se em todos os lugares, e ser bem recebido pelos dous sexos, que compõe a amavel sociedade paulistana.

O *Cabrião* váe á concertos, á bailes, assiste aos espectaculos e não desgosta dos cavallinhos, quando as companhias possuem algum ser attrahente. Os seres attrahentes do *Cabrião* são as senhoras. Neste ponto o *Cabrião* é um fraco; mulheres de olhos gaiatos e um certo todo, são capazes de dar com elle n'uma quebra fraudulenta.

Podia contar aos leitores, que por causa de um demonio de saia, já mediram as costas com um cabo de vassoura de varrer cocheira.

Podia ainda, se fosse indiscreto, asseverar-lhes que para apparecer ás senhoras rouba muitas vezes alimento á barriga, áfim de que não lhe faltem as luvas ás mãos. Mas não são isto fraquezas que se tragam á publico.

Neste luxo em que o veem as damas, cuidam-o millionario ou cousa proxima, e não ha uma só que resista á um dos seus matadores olhares. Principalmente se põe os olhos por traz do *pense-nez*.

As mulheres, coitadas! são tambem fraquissimas. Em vendo um homem *agalanteado*, cabellos frisados, roupas novas, luvas e *pense-nez*, vão atraz d'elle, como um veadeiro atraz da preza.

Elle realmente tem pena das mulheres; a sua poesia mata-as. Não comprehendem que a felicidade está no cobre e que o cobre existe no cabello de porco, na mão callosa e no pé que se mette no tamanco.

Pois, minhas senhoras, experiencia propria, —rapaz do tom, algibeira vazia—.

Nas do *Cabrião* nem pó se encontra. Com elle, anda toda essa rapaziada lustrosa. O que lhe sobeja são dividas.

Pensam VV. EEx.^s encontrar a ventura, n'uma collecção de impertinentes caixeirinhos que zurzem a porta da gente é os ouvidos com *atrevimientos horriveis*?

Oh! não, minhas senhoras; attendam ao conselho do seu *Cabriãozinho*, namorem-se de gente feia e suja, ahi encontrarão almas puras,

esterco para as plantas, e cobres para o feijão.

Eis a poesia moderna, abracem-na minhas senhoras, e verão como serão ditosas.

E tenho dito.

Gazetilha

ESTRADA DE FERRO.—Cessaram, na semana finda, as viagens pela via ferrea entre S. Paulo e Santos, e com ellas tambem cessaram as agradaveis visitas que as bellas santistas faziam á esta terra dos amores, patria do meu coração. Os commerciantes, carroceiros, viajantes *et magna comitante* deram o cavaco com a lembrança. O proprio *Cabrião*, que nunca viajou *gratis* não gostou da pilheria.

O POETA GUIMARÃES.—Este notavel engenho versificador, auctor do *Ramalhete Poetico*, váe atropellar as lettras com um novo livro de poesia. Obra promettedora de immortaes escarcéos, hade fazer espantoso écho em todas as partes do globo, onde o raciocinio fôr uma qualidade ignota.

Honra e gloria ao vate incommensuravel. Aguarda-se o seu livro com toda aquella escandescencia, que tal obra váe produzir por todo o orbe catholico.

QUESTÃO DE AZAS.—Constou ao *Cabrião* que o Sr. X... tem o máo sestro de arrastar a aza demasiadamente, diante do bello sexo. Ora, muito bem, Sr. X..., conselho do *Cabrião*, não as arraste muito, porque póde sujar a ponta no tijuco, e inutilisar essa *azinha miraculos a*. Tome nota, Sr. X..., sem azas não se sabe como voará.

JABOTICABAS.—Soube-se nesta redacção, que no Domingo houve pagodeira grossa. As jaboticabas deram assumpto. O vinho rematou-a. No esquentar do alcool proferiram-se blasphemias e practicaram-se horrores.

Louvores á meninada. Dá gosto vêl-os nestes assados. A posteridade é delles.

TRIUMPHO.—O nosso biographado já está dando consummo ao guardanapo, e não anda mais á pé.

O homem váe-se emendando pouco á pouco. Faz bem; do contrario o *Cabrião* não lhe sáhe do cangote.

THUGS EM S. PAULO.—Assim como os dramas de *Schiller* desenvolveram na Allemanha a mania pelo officio de salteador, a leitura do *Processo dos Thugs*, (estranguladores da India), publicado ultimamente no *Diario*, tem fanatisado muitas pessoas, e espalhado a monomania religiosa da estrangulação.

Consta, que na Freguezia do Braz reside actualmente uma associação secreta de taes fanaticos adoradores da deusa Kaly, organizada sobre os mesmos principios dos estranguladores indianos, e votada á exercer o mesmo officio.

Os membros dessa terrivel sociedade, limitam-se, por em quanto, á fazer ensaios de estrangulação em gallinhas, perús, cabritos, cavallos, e outros animaes que pódem apanhar desgarrados; ainda não teem atacado, nem homens, nem mulheres, nem creanças.

A população, entretanto, deve estar de sobre aviso, porque o fito principal daquelles taes, é a extincção da raça humana, e os fanaticos andam depressa no aperfeiçoamento de sua arte.

Cuidado com elles, estimaveis leitores!

AGRADECIMENTO.—O *Cabrião* agradece ás illustres redacções do *Jornal do Commercio*, *Voz da Verdade*, *Parahyba*, *Iris Bananalense*, *Correio Paulistano*, e *Revista Commercial* as saudações que lhe dirigiram pelo seu apparecimento no scenario da imprensa paulistana, e promete não largar o lapis tão cedo.

CAVALLINHOS.—A companhia equestre retirase, por achar muito insipida a capital paulistana, e verdadeiros retrogados os seus habitantes, que já não amam, como em outras éras, as corridas de cavallos e os saltos mortaes dos arlequins.

Realmente, os rhinocerontes e as pantheras do Sr. *Adams* estragaram o palladar paulistano; foi-se de uma vez o gosto pelas *cavallinhadas*, e a população já nem póde tragar um *Hiram*, que é o quadrupede menos quadrupede de sua raça.

BENEFICIO.—No diluvio de beneficios, que tem inundado a Cidade, apparece o nosso Vasques, pedindo que o salvem á todo o transe. O *Cabrião* que é humano e generoso, não póde deixar de estender-lhe a mão. O Vasques é um gaiatão de bom gosto, ás vezes um pou-

co amolador, porque embirra com certos papeis, mas quasi sempre disposto á fazer a platéa perder as estribeiras e rir-se á moda velha.—Morto por um, morto por mil, pois não é? Vamos ao beneficio do Vasques, porque emfim é um de menos á *beneficiar* as algibeiras do proximo.

A minha estante

Todos nós temos os nossos entes respiraveis. Se nos faltam, falta-nos o ar, abafamos. Isto pensou e escreveu um desses *loucos sublimes* á que chamam poeta.

Fiquem sabendo, que não me falta o ar e nem me sinto capaz de morrer abafadinho, porque tenho um ente respiravel—*a minha estante*.

E que largas respirações não me faz ella tomar, quando aturdido pela vozzeria dos amoladores que me põe á tinir, enfiu os languidos olhos por essa ala formidavel, por esse pelotão de bravos, que na paz ou na guerra, á luz ou á sombra, conserva-se firme, valente, imperturbavel.

Ala commandada por Laménais, por Victor Hugo, por Lamartine, e por outros capitães, tão intrepidos como estes.

Guerreiros que atacam de frente os erros do seculo, soldados que tomam de escalada as trincheiras do vicio, heróes que plantam o estandarte da liberdade nos bastiões da tyrannia!

Como enche o coração de gozo, vêr o pallio da verdade conduzido pelos sacerdotes do bello!

Laménais com *palavras de um crente* enraizando a fé no seio da sociedade, lançando a semente sobre o solo, regando a flôr que tão bellos fructos produziu.

Victor Hugo pintando com vivas côres a hypocrisia, a astucia e depravação moral de *Claudio Frollo*, o padre devasso que revolveuse no ésterquilinio das paixões, para conquistar a *Esmeralda*, para saciar a sua fome de impureza e satisfazer os seus instinctos brutaes.

Lamartine, a ave de branca plumagem e melodioso canto, o romancista da *Graziella*, o escriptor das paginas de *Raphael*, botão de rosa roído pelo insecto da fatalidade, nuvem de ouro rôta pelo vento do infortunio, vaso de amor entornado no vazio de um tumulto!

A minha estante!

De quantas namoradas tive por ahi além, nem



Viajante:—Oh! Senhor! Pois para levar-me á Santos, pede um tal despropósito?! Isso é mais que roubar!

Burro:—Meu caro, *em tempo de figos não ha amigos*. Quando funcionava a estrada de ferro você e outros despresavam-nos; agora aguentem-se.

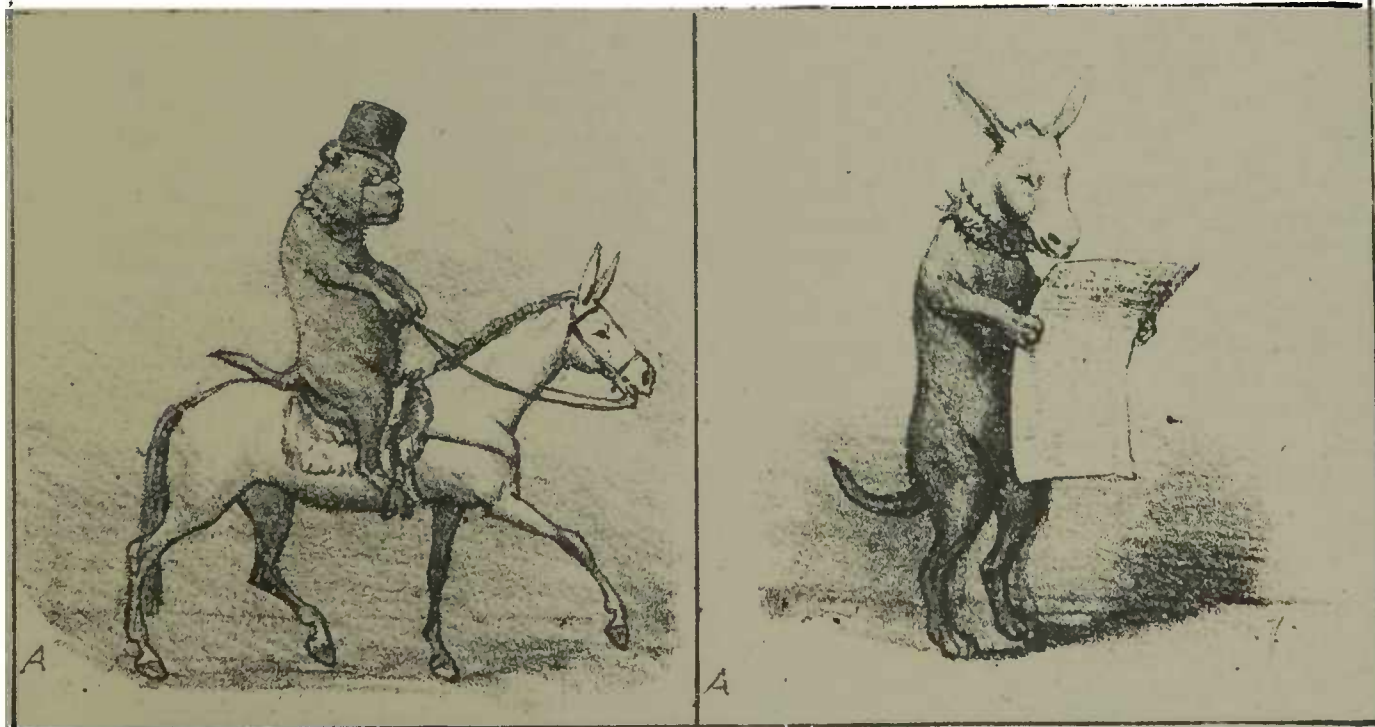


Uma comissão da raça bovina dirigindo-se ao *Templo da Sciencia*, para agradecer a nomeação do novo socio protector.



O Tenente-Coronel José Martini, morto gloriosamente na batalha de 18 de Junho de 1866.

Sobre a terra humida de sangue,
Descansa o intrepido guerreiro;
Dorme c'roado de virentes louros,
Envolto no estandarte brasileiro.



Enigmas sociaes.

huma me acarinhou tanto, nenhuma me prodigalisou amores, nem huma me encheu os intervallos da vida, como a minha estante.

Socia dos meus prazeres e pezares, espelho que reflecte as imagens que se desenham na téla do porvir, amiga que não atraiçôa, confessor a que nada revela, a minha estante é a minha vida, o meu amor, o meu consolo.

Alli, sobre aquellas toscas prateleiras, repousam genios, esvoaçam sylphos, estremecem azas, ha murmurios, ha canticos, a alvorada é eterna.

Aqui, ergue-se o jurisconsulto com suas leis, o philosopho com suas doutrinas, o historiador com seus factos.

Alli, destaca-se o moralista com seus conselhos, o critico com suas analyses, o romancista com suas paginas, o poeta com seus cantos.

Todos estes raios formam uma irradiação completa. A sombra foge esbaforida. O desconhecido recua. Patuit Dea.

A' noite, quando os anjos accendem as luminarias no céo, e o assassino sahe cozido á sombra á espreitar á victima, ao mesmo tempo que o amante vò a aos pés da amada, á beijar-lhe a fimbria dos vestidos, quando tudo dorme e só vela a imagem da saudade e da melancolia... como é bello conversar á sós com esses vultos sympathicos, soletando palavra por palavra os mysterios da sciencia!

Ainda não recorri á minha estante, que não me sentisse calmo, com a paz no coração, e o pensamento voltado para os astros.

Aquellas prateleiras parecem animadas e como que se vergam respeitosas com o peso que supportam.

Tão modesta, tão singela, quantas virtudes não tem! Seus ornatos, são os ornamentos da sciencia, toda a sua graça consiste na propria simplicidade.

Homens de ouro, almas de barro, vós não podeis comprehender estas palavras, affastai-vos; que eu dirijo-me aos olhos que vêm, aos corações que sentem, ás cabeças que pensam.



A avareza e a inveja

(CONTO POR V. HUGO)

A avareza e a inveja, com o seu andar incerto, iam-se um dia pela planicie á casa de um

máo ou de um louco; á vossa, ou á de um outro, ou mesmo á minha. Em summa iam não sei aonde, como a garça do velho.

Estes dous monstros hediondos, com quanto irmãs não se amam; assim, caminhavam ambas sem se fallarem. A avareza corcoyada examinava o arriscado cofre, pelo qual receia sempre. A inveja tambem, sem duvida, o examinava. De caminho a dama avareza, contando os escudos em seu cofre amontoados repetia á si mesma, para seu proprio supplicio:—*Não tenho ainda bastantes!*

Pela sua parte, a inveja de olhar vesgo, mirava aquelle ouro, objecto de todos os seus cuidados, e dizia, torcendo a bôca:—*Ella tem demasiado, porque eu não tenho tanto.* Cada uma á seu modo, meditava sobre o cofre.

De subito apresenta-se á seus olhos o Desejo, o Deos galante, e unico que póde differir todos os votos que lhe queiram dirigir.

O Desejo disse ás duas irmãs:—*Minhas senhoras, eu sou gentil, vós sois mulheres, escolhei, pois, o que quizerdes, thesouros, honras, e etc. Sobre tudo, expliquemo-nos sem perturbação; a primeira que fallar terá quanto desejar, a segunda terá o dobro.* Julgai do embaraço em que este discurso pôz as nossas duas espertalhonas; dizei avarentos e invejosos; o que fazer em tal caso?

Cada uma dellas murmurou em voz baixa:—*De que me servem, ó Desejo, os teus thesouros, e corôas? Que me importam esses bens que a tua lei me concede? outra terá mais que eu!*

E ambas, á esta funesta phrase, hesitam sem saber porque. O Desejo, Deos ligeiro e lesto, offerece-as ao diabo, jura, pragueja, e indigna-se de permanecer tranquillo.

Emfim a inveja, sempre implacavel e cruel encara sua irmã ralhando; depois de repente, decidindo-se:—*Que me arranquem um olho!* exclama.

Saudades

Bellos dias da minha infancia, adeos! Ventura que n'um instante se desvanece, que, sem o pensarmos foge, que mui pouco se sente para que possa gozar-se; prazeres que a minha alma inquieta desprezava, sem saber porque, já não existis, e quanto lastimo vêr-vos tão longe de mim! Volta, formosa idade que choro, ou renasce, ao menos, em meus cantos

Recordais-vos das nossas contendas menos sanguinolentas do que as da historia? Nas nossas justas e combates, só o que faltava á victoria era quem chorasse. Com que doçura me recordo desses dias em que accomettendo os incertos degrãos de velha escada, assediavamos a cidadella, terrivel asylo dos coelhos! E se alguma nascente belleza das nossas discordias se sorria, era para vêr como lutavamos corpo á corpo, como redobravamos de esforços, só por lhe attrahir a errante vista.

Por vezes, de meu agradavel passatempo ostentando a experiente destreza, voavamos no balouço movediço, dobrando, retezando os joelhos, e sentindo-nos orgulhosos pelo susto de nossas mais

Outras vezes, procurando d'um jardim campestre os mais reconditos logares, sós, longe de indiscretas vistas, alli preparavamos o salitre. Ora o bitume, que em fôrma de pyramide crepitante, lançava como brilhante martinete, os seus fogos, ardendo surdamente; ora a polvora cômprimida, que rebentava em azuladô feixe....

O' tempo! que fizeste dessa idade? Ou antes, que fizeste de mim? Procuro-me, ai! e só acho um louco lamentando ser sensato. Amargos prazeres e sempre vãoos, que nos atormentaes a vida, valeis por ventura esses prazeres divinos tão charos á minha alma? Em demasia avido do futuro, acelerarei o caminhar dos annos; e vejo já escurecer-se o horizonte dos meus destinos. Oh! que não possa eu rejuvenescer! Que não possas tu, branda relva, que desde a minha aurora me vês rimar debeis versos, tornar á vêr-me vercejar sobre teus verdes tapetes! Arvores que, debaixo de vossas frescas sombras, me vêdes meditar os sabios e os cantores de todos os tempos, não possa eu, sob vossas folhagens, perseguir ainda os vossos habitantes, em vez de lhes ouvir ós gorgeios!

Ai de mim! Em breve a minha barca vagabunda entrará na corrente do mundo, para não mais sair della, juguete de inumeros e perfidos escolhos, arfando até esse pégo avido, ora atulhado, ora vazio, que deve de uma vez devoral-a! Tu minha mãe! que amparavas da minha infancia feliz os debeis passos, modera os impulsos fogosos da juventude aventureira! Se arremeçádo á onda contra mim bra-

me a tormenta, acalmarão teus olhos as convulsivas aguas do enraivecido mar. Tornaste mais suave os meus prazeres; tornarás menos vivas as minhas maguas.

(EXT.)

Sobre posse

O enfado de tudo produz muita vez o desejo de alguma cousa.

E' o que sinto agora: ambiciono descarregar um palavreado, amargo como bordoadade cêgo.

Preciso de uma victima em que descarregue um golpe tremendo, e só vejo na occasião o meu sapateiro, capaz de supportar tudo pacientemente.

Pois bem, que seja o sapateiro o bóde expiatorio de minha presente veia.

Começemos.

O meu sapateiro é um patife; e é patife por que tem a audacia de fazer-me bótas do peor couro que encontra. Entende o animal (fineza minha), que eu posso entretel-o todos os dias, comprando-lhe novas bótas.

Tem prazer o imbecil em vêr-me constantemente ou sem um real de meu, ou então com as plantas ao relento. Já lhe passei uma dóse de lingua bem temperada e o maldito corrigiose, mas de que maneira?

Não mais rompeu-se o cabedal do rosto do botim; mas, peor ainda, as sollas não se harmonisam mais com o resto, de fôrma que as ultimas botas que me forneceu obrigaram-me a patinhar no chão: deixaram-me com a sola do pé a pisar no humido; e o rosto preso ao canno da bota ficou-me a dançar na perna.

Podia agora descarregar sobre o tyranno mestre serol, um puxado par de ponta-pés impressos. Entretanto o *Cabrião* já está repleto.

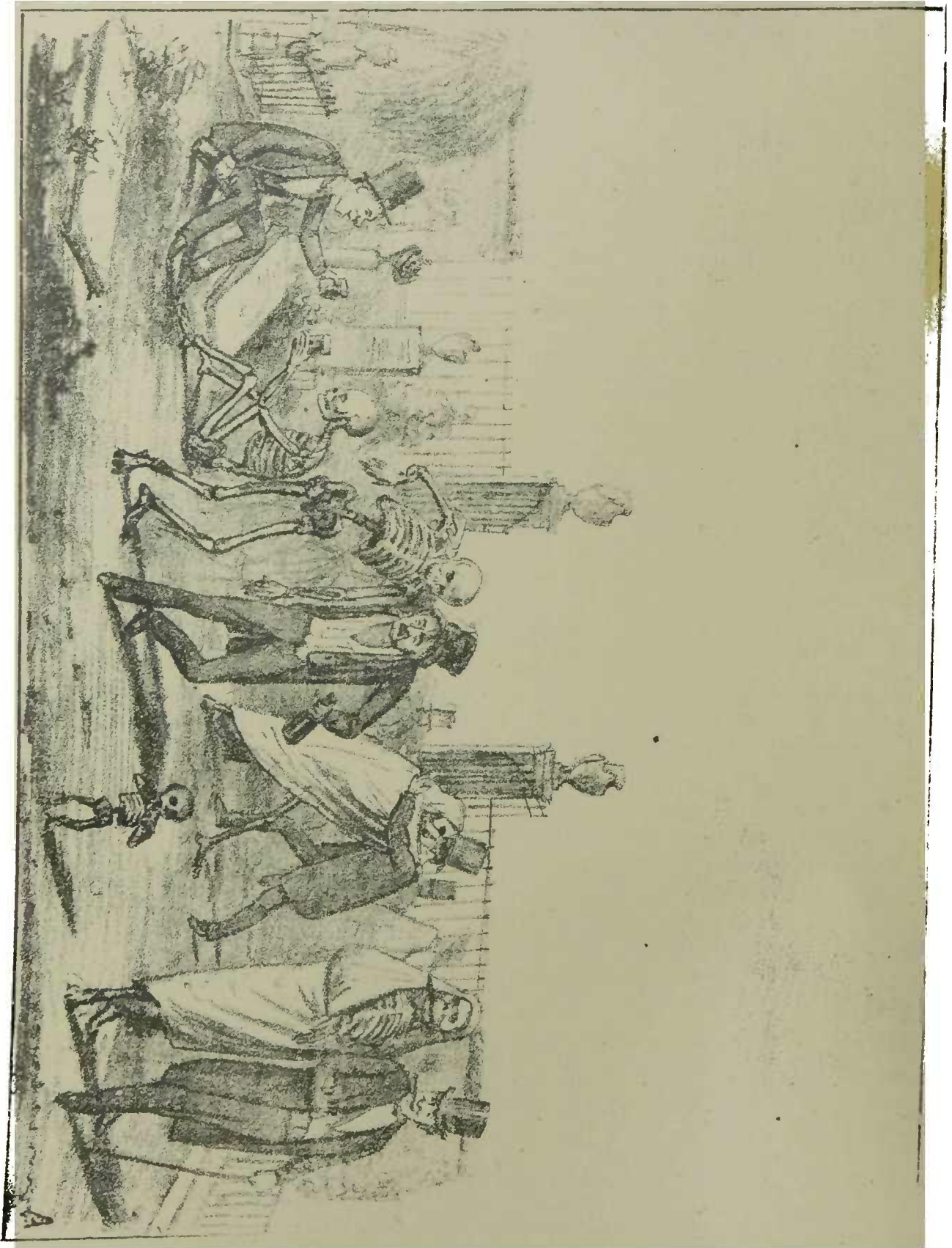
Fico-me com o osso entalado na garganta, e recommendo aos leitores o meu visinho sapateiro.

Annuncio

No Seminario precisa-se de um cosinheiro francez, legitimo *cordón bleu*.

Charada

A decifração da charada do numero antecedente é—*Jesuita*.



O Cemiterio da Consolação no dia de finados.